

## RESENHAS

### TEOLOGIA / RELIGIÃO

OVIEDO TORRÓ, LUÍS, **La fe cristiana ante los nuevos desafíos sociales: Tensiones y respuestas**, col. «Pensamiento y Teología», Ediciones Cristiandad, Madrid, 2002, 480 p., 230 x 150, ISBN 84-7057-458-2.

Este vasto volume constitui uma obra pouco comum no panorama da teologia actual, sobretudo por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, porque enfrenta dimensões da cultura e sociedade hodiernas raramente abordadas em contexto teológico, enfrentamento que conduz à prática de um «método interdisciplinar» (16), também pouco habitual teologicamente; em segundo lugar, porque o faz com intuito «apologético», ou seja, em perspectiva crítica, a partir de critérios cristãos e, por isso, não apenas ao estilo de adaptação cultural – o que é menos habitual, ainda, na maioria daqueles que se aventura neste temas. É claro que a «apologética» aqui praticada é dialogante e não simplesmente defensiva – ou atacante – como sucedeu noutras épocas; mas não deixa de ser e pretender ser, claramente, apologia.

Um primeiro grande capítulo – o maior, em todos os sentidos – revela a maturidade e erudição do autor, no contexto das teorias sociais modernas e contemporâneas. Todos os outros capítulos serão devedores desta especificidade, a ponto de poder considerar-se este interessante livro como uma teoria social do cristianismo, no

contexto da sociedade dita «pós-moderna». Todo o capítulo inicial, intitulado «A fé cristã na sociedade moderna: uma interacção problemática» – a que se pode juntar o corolário sobre «A religião de Igreja num ambiente secularizado» – é dedicado à análise das mais conhecidas sociologias da religião, sobretudo na medida em que têm por tema o próprio cristianismo.

Partindo das posições mais clássicas, o autor vai trazendo à luz aporias diversas, que nos conduzem a posições mais moderadas, acolhedoras de um papel social positivo do cristianismo. Mas o autor é teólogo e não sociólogo. Por isso, não poupa certas posições recentes a análises cuidadas, para assumir uma posição crítica em relação a todas as «reduções sociológicas» do cristianismo, que eliminam toda a dimensão transcendente do mesmo. Nisso reside o seu trabalho apologético, sempre em diálogo crítico com as ciências humanas.

De qualquer modo, o seu método interdisciplinar parece, por vezes, resvalar para cedências epistemológicas no mínimo questionáveis, e que irão manifestar-se ao longo dos outros capítulos. De facto, parece-me ser pelo menos problemática a noção de propedêutica da fé, apresentada no contexto das ciências sociais (20) e que partilha, no fundo, o mesmo problema de toda a propedêutica da fé demasiado extrinsecista. Será que as ciências sociais antecedem simplesmente a fé, preparando-a? Ou será, antes, que esclarecem apenas o terreno, no qual a fé se torna real ou activa? Serão a teologia e a sociologia duas teorias parceiras (ao mesmo nível

epistemológico e fundacional), ou de níveis distintos? Não implicará a sua colocação ao mesmo nível – sendo a teologia precedida pela sociologia (mais fundamental?) – uma falsa pretensão da sociologia, que se torna numa espécie de «teologia» ou até «religião» imanente?

Salvaguardando esta ambiguidade metodológica ao nível da Teologia Fundamental, o resto dos capítulos revela uma posição equilibrada e muito válida, mesmo criativa, no confronto com as principais manifestações sociais actuais e com as respectivas teorizações. Assim, um segundo passo do livro conduz-nos ao mundo complexo da sociologia organizacional das instituições, como uma possível chave de leitura da realidade eclesial. Logo de entrada somos alertados para o facto de que se trata de uma abordagem parcial, que nem sequer é a abordagem fundamental ou teológica. Essa distinção é tanto mais importante, quanto não é muito frequente em registos simplesmente sociológico, em que a Igreja é reduzida, de forma exclusivista, à sua dimensão institucional e organizacional. Posta de parte essa redução, a perspectiva institucional, para além de se justificar em si mesma, pode ser fértil para a compreensão de muitos fenómenos eclesiais e para a solução de problemas específicos.

Mais fundamental, no contexto social da actualidade, é a relação entre fé cristã e organização económica da sociedade moderna, abordada no terceiro capítulo. Partindo de uma distinção básica entre o princípio teológico da gratuidade e o princípio «eficácia/rendimento», próprio da economia moderna, o autor coloca a questão ao seu nível mais fundamental. Por outro lado, analisando os limites dos sistemas económicos, a partir do interior da própria economia, abre a possibilidade de um diálogo fértil entre essa perspectiva e a perspectiva teológica do real.

O quarto capítulo centra-se na relação entre fé e sistema político. Trata-se, na perspectiva do autor, sempre de uma relação tensional, podendo a política constituir uma «crise» para a fé, mas também vice-versa. A análise desenvolvida das actuais teorias políticas e dos respectivos sistemas, permite uma vasta compreensão dessa tensão, sempre fértil e importantíssima, quer para a política quer para a fé.

Uma questão ainda em debate e nunca resolvida, é abordada no quinto capítulo, que se debruça sobre a relação entre fé e ciência, mais ao nível epistemológico do que de conteúdos particulares. Após uma introdução histórica e esclarecedora do contexto actual, o autor pretende estabelecer um relacionamento que vá mais longe do que a mera independência entre os saberes, analisando criticamente um vasto número de modelos de relacionamento.

O sexto capítulo apresenta-nos uma interessante reflexão sobre a relação entre cristianismo e arte moderna, levantando a hipótese de uma recuperação da ancestral relação entre esses dois âmbitos, mesmo se de modo distinto da que existiu noutras épocas. Assim se superaria um processo de afastamento e mesmo confronto, que marcou algumas fases e correntes mais recentes da história da arte – mesmo que isso não possa significar uma eliminação de um certo carácter paradoxal das suas relações, que poderá ser muito fértil, quer para a fé quer para a arte.

O sétimo capítulo aborda o pouco habitual tema da «afectividade e sexualidade, na sua relevância apologética para o cristianismo» (381). Após um lúcido resumo histórico do processo que conduziu a uma espécie de confronto entre cristianismo e vivência da sexualidade, resultante sobretudo da «revolução sexual» operada durante a primeira metade do séc. XX, o autor tenta uma descrição da situação actual, bem mais complexa e mitigada. Isso coloca desafios específicos à

antropologia cristã, que terá que se debruçar muito a sério sobre a questão da afectividade e da sexualidade. Só por essa via poderá elaborar uma «apologética» sustentável, relativamente à sua visão de ser humano, no contexto da cultura actual.

O volume encerra com um importantíssimo capítulo sobre a relação entre a fé cristã e a cultura dos *mass media*. Após análise aturada das posições mais críticas até às mais moderadas, no contexto da sociologia dos *media*, o autor procura uma posição equilibrada, que saiba avaliar positivamente elementos dessa cultura, mas que simultaneamente não se deixe levar, de forma facilitista e mesmo perigosa, pelo seu fascínio. Joga-se aqui um elemento fulcral da actual relação entre cristianismo e cultura, não propriamente pelo serviço que os *media*, como instrumento, podem prestar à evangelização, mas pela forma como se altera a fisionomia cultural e pessoal, através das sua influência. Será a esse nível mais profundo, aqui abordado, que a teologia deverá elaborar uma apologética do cristianismo, sempre em diálogo crítico.

Dado tratar-se de um livro com referência a alguns dos temas mais «quentes» da cultura actual, prevê-se e deseja-se que o seu modo de abordagem origine debate e discussão das teses apresentadas, para se impulsionar um processo de reflexão, fundamental para o cristianismo contemporâneo – e, porque não, também para a actual sociedade, na complexa encruzilhada da modernidade tardia.

JOÃO DUQUE

RAHNER, K., *Escritos de Teologia*, tomo III, 4.<sup>a</sup> ed., Ediciones Cristiandad, Madrid, 2002, 416 p., 230 x 150, ISBN 84-7057-433-7 (obra completa), 84-7057-451-5 (t. III).

Em boa hora resolveram as «Ediciones Cristiandad» reeditar os volumes dos *Escritos Teológicos* de Karl Rahner, já traduzidos para espanhol e publicados anteriormente pela Editorial Taurus, nos anos 60, e que entretanto se encontravam esgotados. Nas proximidades do centenário do nascimento de tão significativo teólogo, esta reedição adquire significado redobrado.

O presente volume reúne escritos dos anos 50, sobre os mais diversos temas, como é costume em quase todos os volumes dos 16 publicados pelo autor. A primeira parte concentra-se em questões fundamentais ou mesmo de Teologia Fundamental, sobretudo relacionadas com a dimensão incarnacional do cristianismo (como o belo artigo sobre a teologia da celebração do Natal).

Uma segunda parte reúne escritos sobre os sacramentos, de que sobressai a breve reflexão sobre a Eucaristia e a paixão. A parte dedicada ao quotidiano da vida cristã, centra-se sobretudo na oração. Na secção sobre os estados de vida, encontram-se alguns textos entretanto já clássicos, como «Existência sacerdotal», «Consagração do leigo para a cura de almas» e «Sacerdote e poeta». Este último texto foi escrito como prefácio ao livro de Jorge Blajot, de poesias sobre o sacerdócio, *La hora sin tiempo*, e surge nesta tradução espanhola segundo a original versão do próprio poeta. Trata-se de uma admirável reflexão sobre a relação estreita entre a modo sacerdotal e o modo poético de habitar o mundo.

Uma outra parte do volume reúne dois conhecidos textos sobre a devoção ao Coração de Jesus, interessadamente inspiradora de muitas ideias teológicas rahnerianas. Por último, são abordadas questões de fronteira, como a da relação entre crentes e descrentes, ou a da consideração da ciência como «confissão».

Sem que seja o volume mais importante dos muitos publicados nesta série, é sem